

General Júlio Botelho Moniz

Com uma carreira militar notável, reproduziu o espírito dos oficiais da sua geração.

Apesar de ser conhecido do público, sobretudo por ter sido o protagonista da “Abrilada”, isto é, a tentativa de derrubar Salazar em Abril de 1961, Moniz foi, acima de tudo, um militar de grande gabarito.

O antigo Presidente do Conselho, Marcello Caetano, que estava longe de ser um admirador do general, não lhe retirava o mérito castrense. No extremo, considerava-o rígido, duro e inflexível. Um homem de gabinete, talhado para o serviço de Estado-Maior. Mas, precisamente por se tratar de um militar da escola dos anos 20 e não de um político (de qualquer época!), estas referências não devem ser consideradas demasiado depreciativas.

De facto, é a figura do militar que surge em relevo nas *Visões Estratégicas do Final do Império*, título da obra que agrupa duas sebtas (“Conduta das Operações Coloniais” e “Lições de Estratégia”) daquele autor e ainda um estudo introdutório e síntese biográfica da autoria do Coronel João Vieira Borges.

Botelho Moniz, teve aquilo que se pode considerar uma excelente carreira de acordo com o que era esperado de alguém que escolhera o “sacerdócio das armas” como profissão.

Ainda em criança ingressou no Colégio Militar e tarambrou mais tarde na Escola do Exército. Seguiu-se o curso de Estado-Maior e, finalmente, o curso de Altos Comandos no Instituto de Altos Estudos Militares. Sob o crivo destas instituições percorreu toda a hierarquia desde “aluno/soldado” até general de quatro estrelas. Pelo meio, exerceu diversas funções, entre as quais se destacam as de Ministro do Interior, deputado, adido militar em Madrid e Washington, Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas e, finalmente, Ministro da Defesa.

No “intróito” da “Conduta das Operações Coloniais”(1944), Botelho Moniz justifica a importância do teatro de operações africano. Não apenas em relação ao passado, mas também no presente. Lembra as gerações de oficiais que moldaram o seu carácter e se cobriram de glória em África. Transita para o presente, enfatizando as táticas aprendidas naquele continente. A marcha e combate em formação de quadrado, e a “marcha em harmónio”.

É de notar, igualmente, a exaltação da escola de África da parte de alguém que, anos mais tarde (1961), enten-

derá que a posição deve ser outra.

Mas em 1944, as percepções ainda estavam em mudança. Existia já a intuição de que com o aproximar do fim da II Guerra Mundial nada ficaria como dantes. Contudo, os “ventos de mudança” haviam de soprar, primeiro, noutras direcções.

Daí que, nas vésperas do anúncio da vitória dos aliados naquele conflito, a escola africana seja apresentada como “Escola de Sacrificio, Escola de Epopeia, Escola de Mouzinho, de Caldas Xavier e de tantos outros heróis...”. E que, mais adiante, acrescente: “e que, de futuro, nessas terras de promessa, os melhores possam livremente aprender as obrigações que o sangue derramado perpetua, garantindo a todos os portugueses que pisem solo africano o poderem soletrar, com justificado orgulho (...): Aqui também é Portugal”.

A “Conduta das Operações Coloniais” está dividida em cinco partes: Factores característicos das Campanhas Coloniais; Características gerais das operações; Táticas das operações coloniais; Linha de Comunicações; e Breve referência às operações contra os indígenas e entre os europeus nas regiões tropicais e equatoriais e seus ensinamentos.

Na primeira existe um exame detalhado de diversos factores com especial incidência no terreno, clima, perfil e modo de operar do inimigo. Salienta-se a importância da vegetação, que bem utilizada pode esconder uma ameaça e, em simultâneo, dificulta a progressão das forças no terreno. No que respeita ao clima alerta-se para as dificuldades na chamada época das chuvas. É mais propícia ao alastramento de certas doenças como o paludismo e menos adequada para o emprego de viaturas. Recomenda-se, então, que as operações decorram na época seca, com uma temperatura semelhante a certas zonas europeias e onde o soldado da metrópole encontra condições climáticas mais conhecidas.

É na análise do perfil e actuação do inimigo que o autor apresenta um retrato rigoroso e prospectivo das dificuldades que as forças portuguesas não tardarão a encontrar em África.

O combatente africano é “sofredor”; “corajoso”; “religioso fanático, sentimento que o leva a ter desprezo pela morte”; “astuto e ardiloso, carácter este que, por instinto, o conduz à guerra de emboscadas e de surpresa”; e “sanguinário, não poupando, em geral, os prisioneiros”.

Por isso, conclui que a “surpresa, a mobilidade e o espírito guerreiro (...) são factores característicos a considerar, quanto ao inimigo, nas operações coloniais”.

Ao invés, do lado nacional, preconiza a utilização da força, da negociação política e das rivalidades locais consoante o que for mais oportuno em cada momento.

Na segunda parte, salienta-se o facto da guerra colonial não se caracterizar pelo emprego de grande número de

efectivos e, por conseguinte, não se tratar de uma “guerra de massas”. Isto, ao contrário do que ocorre na Europa.

Seguidamente, apresenta-se o modo de emprego das Armas e Serviços, onde releva a actuação da infantaria e engenharia. Nota-se, também, um cuidado especial na nomeação dos “contingentes auxiliares”, que estão especialmente vocacionados para missões de exploração, informação, estafetas e guias. Nesta abordagem pode-se antever princípios muito úteis aos portugueses nos anos 60, como os da “africanização da guerra” e a formação de tropas especiais indígenas, cujo treino apontaria para aqueles fins e outros de carácter mais combativo.

Na terceira parte – Tática das Operações Coloniais – o autor aborda a tática de marcha, o estacionamento e o combate. No primeiro capítulo discorre-se sobre a forma mais segura e eficiente de as colunas militares avançarem no terreno. Aqui, discute-se as vantagens e os inconvenientes da formação de quadrado. Na tentativa de superação destes, adianta-se a possibilidade de evoluir para um modelo mais elástico, adoptando outras formas (losangos, triângulos) a partir de um quadrado base. Para além da utilização de gravuras, recorre-se a exemplos históricos para ilustrar as explanações teóricas. Entre aqueles, sobressai a campanha do sul de Angola de 1915, onde, a propósito da ocupação do território do Cuanhama, ia soçobrando o Destacamento que compreendia o general Pereira de Eça.

No que toca ao estacionamento, o autor enfatiza a relevância do “bivaque”, isto é, do acampamento. Este seria o mais indicado para escapar às doenças que, habitualmente, infestam as localidades indígenas (“lepra, sífilis, sarna, etc.”). No capítulo da segurança, existe um interessante comentário a propósito da necessidade de uma vigilância nocturna mais apertada. Para isto se verificar, deveriam ocorrer rotinas que mantivessem os soldados em estado de alerta, uma vez que o clima africano convida à “lassidão”.

No combate, destaca-se como “princípio base da estratégia colonial (...) a ofensiva, rápida e vigorosa”. O autor aconselha a que se tire partido do carácter facilmente “impressionável” e de fácil desmoralização do adversário, nomeadamente, quando acossado em movimentos súbitos e persistentes. Alude ainda à necessidade de se ocupar o território, na medida em que, qualquer pausa ou a não fixação no terreno, é entendida pelo indígena como sinal de fraqueza. Este é, também, associado a um bom conhecimento do terreno e a uma excelente mobilidade.

Após uma curta referência analítica dirigida às linhas de comunicações, o general B. Moniz encerra a “Condução das Operações Coloniais” com a abordagem de algumas campanhas africanas emblemáticas decorridas

entre 1914 e 1941.

As “Lições de Estratégia” (1953) seguem uma metodologia ligeiramente diferente. Estão divididas em seis lições compreendendo diversos temas, entre os quais, a teoria da estratégia, as coligações, a teorização da geopolítica e a respectiva aplicabilidade regional, e a defesa da Península Ibérica.

Em 1953, já o fim do II conflito mundial ia longe e as preocupações mundiais e nacionais eram outras. O principal inimigo declarado do Ocidente era, agora, a União Soviética; a Alemanha encontrava-se neutralizada pelo desfecho da guerra e pela edificação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), embrião da futura Comunidade Europeia; a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) era a coligação prioritária na defesa organizada do hemisfério ocidental; e havia-se iniciado o processo de descolonização, onde a Índia tinha assumido uma vanguarda emblemática.

Assim, a nível nacional as maiores preocupações residiam nas obrigações decorrentes da pertença à OTAN (1949); da defesa do triângulo estratégico Portugal continental, Açores e Madeira, também enquadrado nas zonas operacionais daquela organização; e na manutenção do império português.

Este último assunto é abordado, novamente, na quarta lição, no capítulo intitulado “O Império Português na Estratégia Mundial”. O ano de 1961 ainda estava longínquo e o autor alerta para as precauções a ter na mudança do eixo estratégico de Lisboa-Londres para Lisboa-Washington – o que lhe parecia inevitável. A desconfiança manifesta em relação

aos norte-americanos derivava do respectivo aplauso face ao princípio da autodeterminação dos territórios ultramarinos. Botelho Moniz considerava que a tese fragilizava a defesa do ocidente.

Em síntese, os três eixos principais privilegiados pelo autor são os seguintes: Defesa conjunta com Espanha da Península Ibérica; Participação “honrosa” na OTAN; e manutenção do império, ajustando esta realidade à novidade da época – o domínio dos Estados Unidos em substituição da tradicional afirmação britânica.

Estamos, assim, perante uma colectânea de duas obras do General Botelho Moniz, criteriosamente escolhidas. Apesar de se referirem a duas épocas distintas, com as respectivas especificidades, elas têm como grande denominador comum a preocupação pela manutenção do império ultramarino. E, pelo que escreveu nestas sebtas, aquele militar reproduziu o espírito da escola de oficiais da sua geração, fiel à escola de África.

* DOCENTE DA UNIVERSIDADE LUSÍADA E DOUTORANDO DO INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA



**Visões Estratégicas
do Final do Império**
Júlio Botelho Moniz